

Diagnóstico Rápido Participativo  
do Abuso e Exploração

SE  
XU  
AL

**ARARIPINA**

de Crianças e Adolescentes  
nos municípios do Polo Gesseiro  
da Região do Araripe/PE



Diagnóstico Rápido Participativo  
do Abuso e Exploração

**SEXUAL**

**ARARIPINA**

de Crianças e Adolescentes  
nos municípios do Polo Gesseiro  
da Região do Araripe/PE



Coleção: Conhecendo  
a realidade para  
mudar vidas, V. 1

Recife, 2020

©2020, Centro Dom Helder Camara de Estudos e Ação Social (Cendhec)

Todos os direitos reservados. Qualquer parte dessa publicação pode ser reproduzida ou utilizada para fins educacionais desde que seja mencionada a fonte.

**Coleção: Conhecendo a realidade para mudar vidas**

Araripina, v.1;  
Bodocó, v.2;  
Ipubi, v.3;  
Ouricuri, v.4;  
Trindade v. 5

**FICHA TÉCNICA**

**Realização**

Centro Dom Helder Camara de Estudos e Ação Social

**Coordenação Editorial**

José Ricardo de Oliveira

**Organização e Pesquisa**

Nara Menezes

**Assistente de Pesquisa**

Adriana França

**Revisão Técnica**

José Ricardo de Oliveira

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Via Design

**Revisão de Texto**

Lidiane Santos

**EQUIPE TÉCNICA DO PROJETO**

Adriana dos Santos Oliveira  
Angélica Alves da Silva  
Maria Aldenice da Silva Souza Santos  
Maria de Fátima Ribeiro Soares  
Michele Rodrigues da Silva

**PESQUISA DE CAMPO**

Araripina – Maria Narylla de Sousa  
Bodocó – Cristiana Gomes de Freitas  
Ipubi – Navenna Coelho Pereira  
Ouricuri – Dilamara Carvalho de Medeiros  
Trindade – Maria Aldenice Mendes Feitosa

**Apoio**

KNH

**Parceria**

Pão para o Mundo e OAK Foundation

**Uma publicação do Centro Dom Helder Camara de Estudos e Ação Social (Cendhec)**

Rua Galvão Raposo, 295 Madalena Recife – PE CEP 50 610 330

Fone: 55 81 3227 7122/ 3227 7662

e-mail: [cendhec@cendhec.org.br](mailto:cendhec@cendhec.org.br)

[www.cendhec.org.br](http://www.cendhec.org.br)

@cendhec



# SU MA RIO

## **Introdução 07**

### **Contexto nacional – Contexto Econômico e Social e Violência Sexual 09**

Dados oficiais 11

### **Contexto local – Violência Sexual em Pernambuco 13**

Contexto dos Municípios abrangidos pelo Projeto 17

O Polo Gesseiro em Pernambuco 18

### **Municípios – Contexto local, Situação da Violência sexual, Dados secundários e resultados da pesquisa de campo 20**

Araripina 21

Aspectos Gerais 22

Atividades econômicas 22

População 22

Educação 23

Renda, ocupação e vulnerabilidade social 23

Araripina – Violência Sexual no município 25

Dados resultantes da aplicação dos questionários nos órgãos e

Instituições do Sistema de Garantia de Direito do município 26

Sobre a Violência Sexual e suas características no município 27

Formação 27

Atuação em Rede 27

Conclusões sobre os achados do trabalho de campo em Araripina 29

### **O que dizem crianças, adolescentes e famílias - Resultado das escutas nos municípios 30**

Considerações gerais sobre a escuta com Crianças 31

Desenvolvimento das atividades de escuta (metodologia, considerações sobre os encontros com as crianças) 32

Considerações gerais sobre as escutas com adolescentes 35

Desenvolvimento das atividades de escuta (metodologia, considerações sobre os encontros e avaliação do/as adolescentes) 36

Violência sexual na perspectiva do/as adolescentes 37

Opiniões dos adolescentes sobre as soluções para a violência sexual 38

Escutas com Famílias 39

Considerações gerais sobre as escutas com famílias 39

Desenvolvimento das atividades de escuta (metodologia, considerações sobre os encontros e avaliação das famílias) 40

Violência sexual na perspectiva das famílias 40

## **Conclusões 41**

### **Recomendações para Araripina 44**

### **Referências Bibliográficas 47**

## **LISTA DE GRÁFICOS**

### **Gráfico 1**

Registros de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes **11**

### **Gráfico 2**

Denúncias ao Disque 100 **12**

### **Gráfico 3**

Registros de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes **14**

### **Gráfico 4**

Denúncias de Violência sexual contra crianças e adolescentes em Pernambuco, por tipo **16**

### **Gráfico 5**

Crianças ou adolescentes vítimas de abuso e/ou exploração sexual que ingressaram no PAEFI/CREAS em Pernambuco, por tipo **17**

## **LISTA DE TABELAS**

### **Tabela 1**

Registros de violência sexual contra crianças e adolescentes em Pernambuco **15**

### **Tabela 2**

Violência sexual em Pernambuco por Natureza **16**

### **Tabela 3**

População 2010 (total, por gênero, rural/urbana, raça/cor e faixa etária) e estimativa populacional (2019) **22**

### **Tabela 4**

Indicadores educacionais **23**

### **Tabela 5**

População e vulnerabilidade social – famílias em situação de pobreza no município **24**

### **Tabela 6**

Dados secundários. Pesquisa de Campo – Perfil dos entrevistados **26**

INTRODUÇÃO

# A

violência sexual é um fenômeno que afeta, diariamente, crianças, adolescentes e jovens em todo o mundo. Estimativas globais indicam que, aproximadamente, uma em cada três mulheres (35%) sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro ou de terceiros durante a vida<sup>1</sup>.

Segundo a Organização Panamericana da Saúde (OPAS), entre os fatores de risco para violência sexual estão:

- » Baixos níveis de educação (autores da violência sexual e vítimas da violência sexual);
- » Exposição ao maltrato infantil (autores e vítimas);
- » Experiência de violência familiar (autores e vítimas);
- » Uso nocivo do álcool (autores e vítimas);
- » Atitudes de aceitação da violência (autores e vítimas);
- » Desigualdade de gênero.

E, entre os fatores associados, especificamente, à violência sexual, se destacam ideologias que consagram os privilégios sexuais do homem e sanções legais fracas contra os atos de violência sexual.

No Brasil, o fenômeno se perpetua com níveis alarmantes, onde a maioria das vítimas é do sexo feminino. Seguindo a tendência internacional da violência sexual, a primeira experiência sexual para mulheres que, muitas vezes, aconteceu na infância, foi forçada.

Em Pernambuco, a realidade encontrada nos principais sistemas de registro já é reveladora de uma situação crítica, apesar da enorme subnotificação. Todos os fatores de risco, apontados acima, fazem parte da realidade dos municípios pesquisados. Na grande maioria deles, há baixa escolaridade, violência doméstica e de gênero - incluindo padrões aceitos pela sociedade local e a disseminação de rotas de comércio por conta dos avanços em investimentos econômicos que incluem rotas da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes.

O relato dos participantes da devolutiva do diagnóstico (validação) coincide nos municípios. Quanto à exploração sexual, afirmam que ocorre nas feiras livres e festas em chácaras, casas de famílias/residências (locais muito difíceis de serem acessados, por serem privados) e que ganham a roupagem de festas familiares. Também nos bares existem uma verdadeira rede de exploração sexual. Normalmente, ficam próximos a postos de combustíveis. Não há dados concretos sobre a incidência deste tipo de crime por parte de caminhoneiros e visitantes, mas estes são usuários frequentes dos postos e dos bares<sup>2</sup>.

Apesar da realidade carente de diagnósticos mais precisos sobre pontos de exploração, números em relação ao abuso e exploração sexual, incidência, prevalência, entre outros aspectos, procuramos mostrar o perfil dos municípios e cruzá-los com os dados existentes sobre a violência sexual nestas localidades.

**1.** OPAS – Organização Panamericana da Saúde. Folha Informativa sobre Violência contra Mulheres. 2017.

**2.** Dados do Mapeamento dos Pontos Vulneráveis à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Federais Brasileiras (Mapear), de 2018, apontaram a existência de 2.487 pontos, 45 estão em Pernambuco. Os locais mais vulneráveis são postos de combustíveis, bares, casas de show, pontos de alimentação e de hospedagem.

Aqui, apresentamos os resultados da pesquisa de campo do diagnóstico rápido participativo no polo gesseiro aplicado pela equipe do Centro Dom Helder Camara de Estudos e Ação Social (Cendhec), que buscou compreender o fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes no contexto de cada localidade e as respostas locais à problemática, assim como os posicionamentos dos atores que, direta ou indiretamente, estão envolvidos com o enfrentamento do problema. Levantamos as possíveis análises dos resultados até aqui encontrados.

A pesquisa de campo traz informações importantes a partir do relato de famílias e crianças que só confirmam as tendências nacionais do fenômeno da violência sexual. Procuramos registrar as recomendações das crianças e adolescentes, além de ressaltar a escassez de espaços onde elas possam expressar suas opiniões e ser parte da solução do problema, bem como acessar melhores oportunidades de se desenvolver saudavelmente. Por fim, recomendações que se somam àquelas feitas na devolutiva nos municípios, contempladas a partir do diálogo com serviços do Sistema de Garantia de Direitos (SGD) local, sociedade e representantes do governo.

**Contexto nacional  
– Contexto  
Econômico e  
Social e Violência  
Sexual**

É importante conhecer a realidade nacional em relação ao contexto socioeconômico para entender parte do problema da violência sexual. Por meio dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é possível entender como se manifestam as diferenças nos rendimentos dos brasileiros.

Na média, quem está no topo da pirâmide social recebe mais de 36 vezes do que aquela pessoa que está na parte de baixo, na base. Os números ainda mostram que os 10% com maior renda ficam com 43% de todos os rendimentos do trabalho do país.

Olhando com mais detalhes para os extremos da renda do trabalho no Brasil, a diferença fica ainda maior. O 1% com maior rendimento mensal ganha, em média, 180 vezes o que ganha uma pessoa que está na parcela dos 5% com menor renda.

Se formos analisar as questões de raça e gênero, em relação à primeira, as pessoas brancas recebem, em média, entre 70% e 80% mais que pessoas pretas ou pardas em um mês. Em relação à desigualdade de renda entre homens e mulheres, esta aumentou em 2019 em relação ao ano anterior. Houve queda dessa diferença em 2018, mas em 2019 voltou a aumentar, e os homens receberam, em média, 28,7% a mais que as mulheres naquele ano.

Em relação à disparidade regional, Sudeste, Sul e Centro-Oeste registraram rendimentos médios

mensais numa média de R\$ 2.500, o que significou cerca de R\$ 900 a mais do que a renda média no Norte e quase R\$ 1.000 a mais do que a renda média no Nordeste.

Em 2019, o grupo de pessoas em pobreza extrema no Brasil, ou seja, que vivem com menos de 1,9 dólar por dia, aumentou em 170 mil. O ano terminou com 13,8 milhões de pessoas ou 6,7% da população do país. É o quinto ano seguido no qual cresce o número de brasileiros que se encontram em situação de miséria. Vale ressaltar que quase metade dos brasileiros (47%), que se encontravam abaixo da linha da pobreza, no ano passado, estavam no Nordeste.

Estas informações são importantes porque mostram que existe uma estrutura de renda muito concentrada numa parcela pequena da população, o que é um problema grave e estruturante. Essa desigualdade na concentração de renda promove uma série de problemas, perpetua a cultura escravocrata no nosso país, contribui para a desigualdade social e econômica entre homens e mulheres e gera também altos níveis de violência.

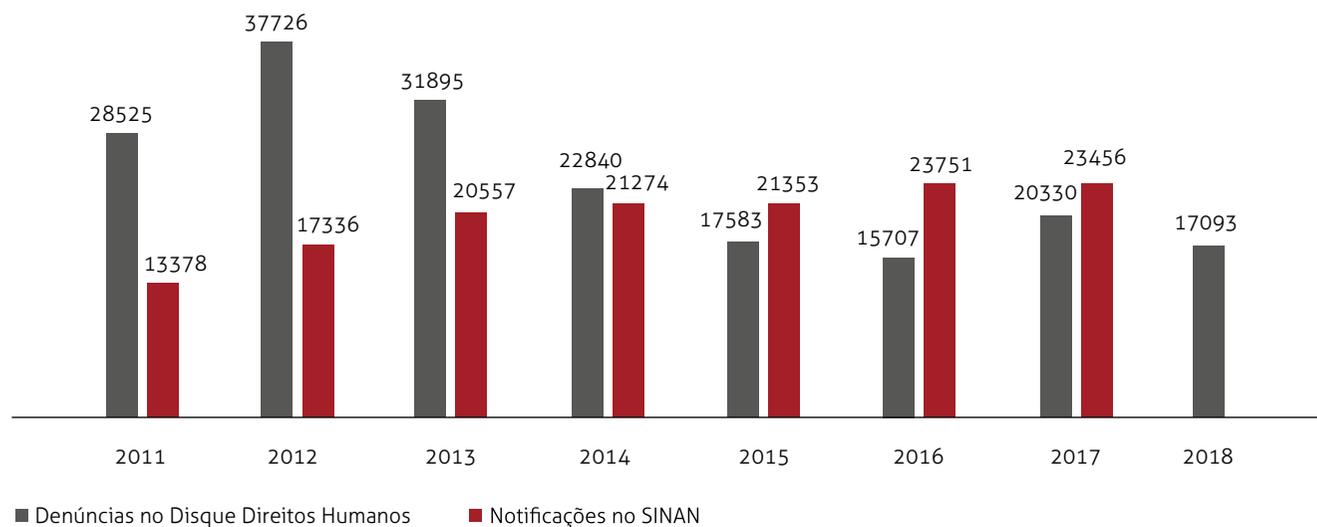
A realidade da pobreza e as condições econômicas, vinculadas não só à distribuição desigual interna da riqueza, mas também às relações de poder entrelaçadas com a cultura violenta e patriarcal interferem diretamente na reprodução do ciclo da violência, favorecendo a ida às ruas e a trajetória da exploração sexual.

O abuso e a exploração sexual contra crianças e adolescentes estão intimamente ligados às relações econômicas, de gênero, de raça e de cultura que estruturam uma comunidade ou sociedade. As diversas formas deste tipo de violência se manifestam em danos, às vezes permanentes à integridade física, moral, psíquica e em obstáculos às condições ideais para um desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

## Dados oficiais<sup>3</sup>

Entre 2011 e 2018, o Disque Direitos Humanos (Disque 100) contabilizou, em média, quase **24 mil denúncias por ano** de violência sexual contra crianças e adolescentes no país. As **notificações** de violência sexual contra crianças e adolescentes no sistema de saúde foram próximas a **20 mil por ano**<sup>4</sup>.

**Gráfico 1:** Registros de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes



**3. Fonte:** Ideário Consultoria e The Lucy Faithfull Foundation. Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes em Recife e Pernambuco - Relatório 2020. Recife, maio de 2020. Disponível em: <https://ecsa.lucyfaithfull.org/eradicating-child-sexual-abuse-recife-and-pernambuco>

**4. Fonte:** Disque Direitos Humanos (Disque 100) e Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN Net.

**Fonte:** Disque Direitos Humanos (Disque 100) e Ministério da Saúde /SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN Net.

\* Dados do SINAN nacional só estão disponíveis até 2017.

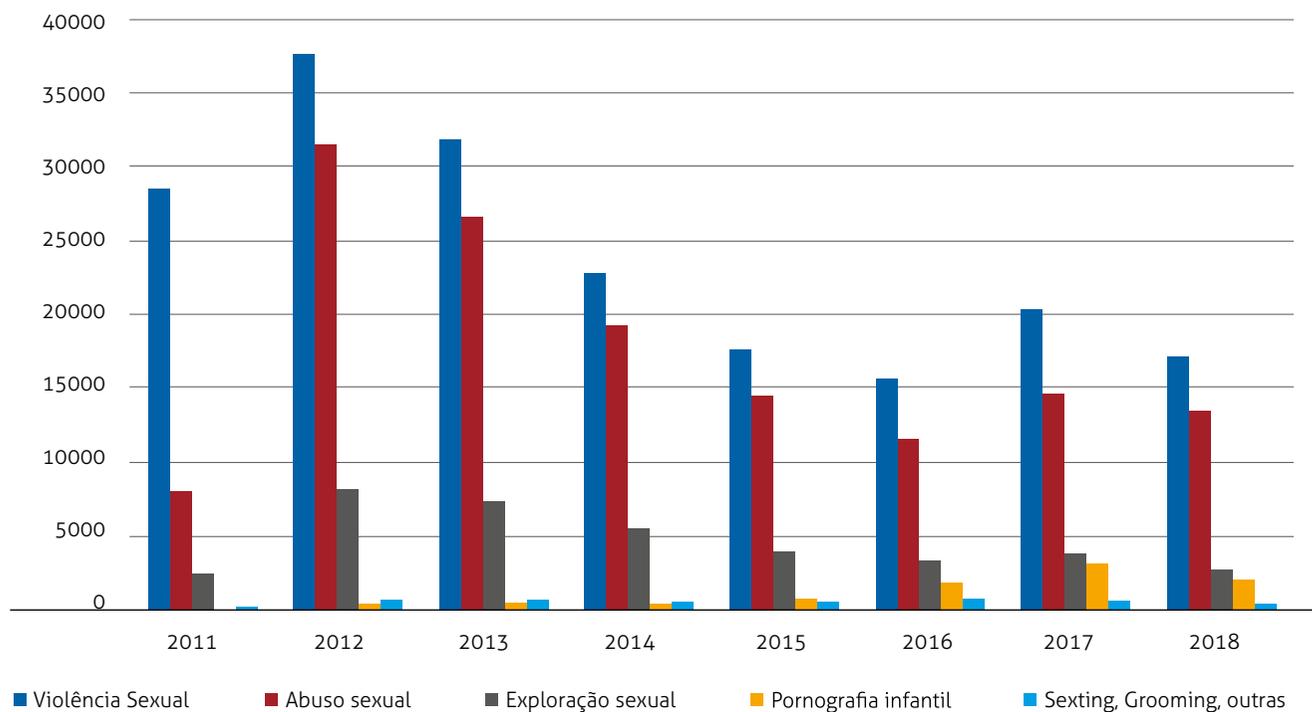
No sistema de notificação Disque Direitos Humanos (Disque 100), mais de 70% dos casos é classificado como abuso sexual ou estupro. A exploração sexual responde por 20% das denúncias de violência sexual. É importante dizer que, neste caso, apenas 3,3% dos atendimentos de violência sexual no sistema de saúde notificam como tal.

Estima-se que ocorrem de 300 a 500 mil casos de estupro por ano no Brasil. Cerca de 68% das vítimas são crianças e adolescentes. O estupro é considerado

um dos crimes menos notificados no país. Em torno de 50 mil casos são denunciados, todos os anos, aos órgãos de segurança pública no Brasil, mas estima-se que isso represente menos de 10% do total<sup>5</sup>.

Menos ainda são as ocorrências que chegam ao sistema de saúde – cerca da metade dos números das denúncias. De acordo com essas notificações, entre 2011 e 2017, mais de 80% dos estupros de crianças e adolescentes ocorreram até os 14 anos de idade, com grande concentração entre 05 e 14 anos<sup>6</sup>.

**Gráfico 2:** Denúncias ao *Disque 100*



**Fonte:** Disque Direitos Humanos (Disque 100). Período: 2011 a 2018.

**5. Fonte:** Ipea e FBSP. Atlas da Violência 2018. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)

**6. Fonte:** SINAN – Sistema de Notificações de Agravos e Notificação. 2017. Disponível em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinanet/cnv/violebr.def>

# **Contexto local: Violência Sexual em Pernambuco**

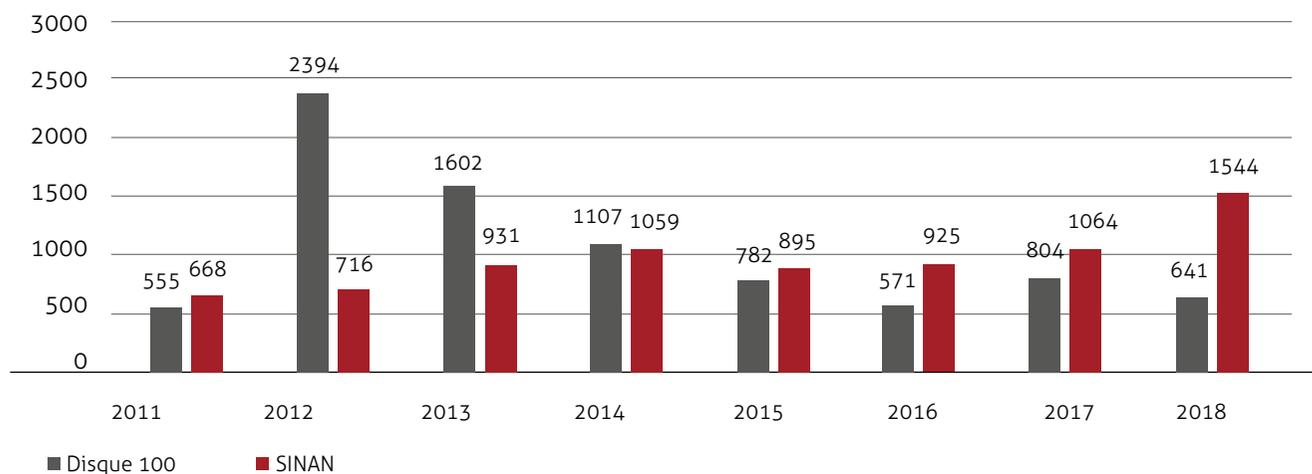
Os índices de violência sexual no estado de Pernambuco são altos. São cerca de 10.000 casos denunciados por ano<sup>7</sup>. Além disso, há carência de uma infraestrutura adequada de atenção, prevenção e atendimento em muitos municípios. Nos lugares em que existem uma melhor rede de atendimento, muitas vezes, esta não funciona de maneira integral e interligada. Este fato torna a região um ambiente vulnerável e propício para a prática de crimes sexuais, uma vez que o problema exige soluções multissetoriais.

A delegacia especializada por exemplo, a Departamento de Polícia da Criança e do Adolescente (DPCA), apesar de muitos esforços e de um bom trabalho feito na repressão dos crimes, não possui a estrutura necessária para atender todo o estado de Pernambuco, pois está presente apenas

nas cidades do Recife, Jaboatão dos Guararapes e Paulista. Nos demais municípios pernambucanos, pode-se dizer que os crimes de natureza sexual praticados contra crianças e adolescentes são subnotificados em razão de vários fatores, entre eles, poucos serviços especializados na área de Segurança Pública e do Sistema de Justiça.

Entre 2011 e 2018, o Disque Direitos Humanos (Disque 100) contabilizou, em média, **1.057 denúncias por ano** de violência sexual contra crianças e adolescentes no estado de Pernambuco. As **notificações** de violência sexual contra crianças e adolescentes registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), em Pernambuco, foram em média **975 por ano**, sendo mais da metade (52,3%) das ocorrências na Região Metropolitana do Recife (RMR) e quase um quarto (23,9%) em Recife.

**Gráfico 3:** Registros de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes



**Fonte:** Disque Direitos Humanos (Disque 100) e Ministério da Saúde /SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN Net.

7. Dados do relatório Violência Sexual de crianças e Adolescentes em Recife e Pernambuco. Ideário Consultoria e LucyFaithfull Foudantion. 2020.

Nos sistemas da Secretaria de Defesa Social e Secretaria Executiva de Assistência Social, os dados são mais volumosos entre 2016 e 2018, conforme mostra a tabela abaixo. Os registros policiais são de, em média, **1.810 vítimas por ano**. Nos Centros de Referência Especializados de Assistência Social, cerca de **1.281 crianças e adolescentes vítimas** de violência sexual foram atendidas por ano, sendo apenas 23,5% na RMR.

Pelo Disque Direitos Humanos, no período analisado (2011 a 2018), a violência sexual segue a tendência do país e 70% dos casos são registrados como abuso sexual no Disque 100 ou como estupro no SINAN. Da mesma forma, a exploração sexual responde por 21% das denúncias de violência sexual, mas pouco

é notificada no sistema de saúde, correspondendo apenas 2,6% das notificações deste tipo de violência registradas no SINAN em Pernambuco, no mesmo período. As denúncias de *sexting* e *grooming* são, ainda, em número bem menor (0,6%).

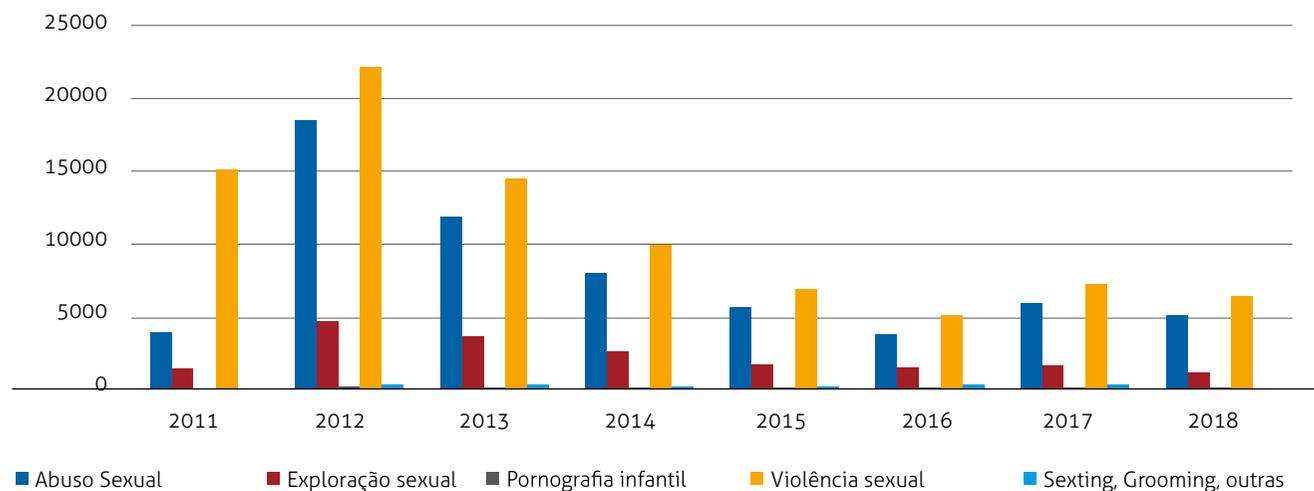
Na base de dados criminais do Estado, cerca de 90% dos crimes contra a dignidade sexual de crianças e adolescentes são tipificados como estupro, sendo mais de 70% com vítimas menores de 14 anos (estupro de vulnerável). Podemos perceber bem a subnotificação da exploração sexual de crianças e adolescentes que aparece em 0,4% dos casos - um percentual ainda menor do que no Disque 100. Registra-se ainda um percentual pequeno de crimes categorizados como importunação sexual.

**Tabela 1:** Registros de violência sexual contra crianças e adolescentes em Pernambuco

Ano	2016	2017	2018
Vítimas de crimes contra a dignidade sexual de crianças e adolescentes	1744	1704	1981
Crianças ou adolescentes vítimas de abuso e/ou exploração sexual que ingressaram no PAEFI/CREAS	1073	1409	1361
Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação	925	1064	1544
Denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes ao Disque 100	571	804	641

**Fonte:** Governo de Pernambuco/Secretaria de Defesa Social - SDS/GACE/Sistema INFOPOL. Secretaria Executiva de Assistência Social – SEASS/GEPMC. Sinan/SEVS/SES-PE. Disque Direitos Humanos. Período: 2016 a 2018.

**Gráfico 4:** Denúncias de Violência sexual contra crianças e adolescentes em Pernambuco, por tipo.



**Fonte:** Disque Direitos Humanos (Disque 100). Período: 2011 a 2018.

\* Dados de tipos de violência parcialmente disponíveis para 2011.

\* Números de denúncias de exploração sexual incluem as denúncias de "exploração sexual no turismo".

**Tabela 2:** Violência sexual em Pernambuco por Natureza

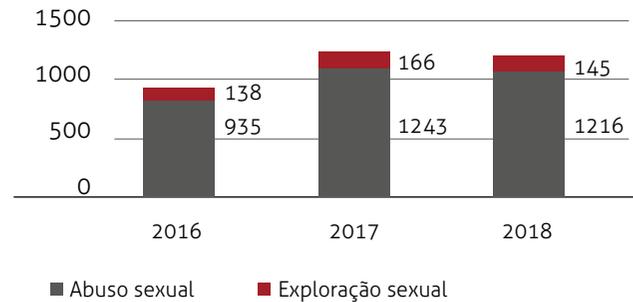
Natureza	Pernambuco
Estupro de vulnerável	59,1%
Estupro de vulnerável por violência doméstica/familiar	16,2%
Estupro	12,5%
Outros crimes contra a dignidade sexual	9,8%
Estupro por violência doméstica/familiar	1,7%
Prostituição/Exploração sexual de vulnerável	0,4%
Importunação sexual	0,4%

**Fonte:** Governo de Pernambuco/Secretaria de Defesa Social - SDS/GACE/Sistema INFOPOL

**Período:** janeiro de 2016 a março de 2019.

Nos Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) registra-se, em média, 88% de crianças e adolescentes atendidas vítimas de abuso sexual, sendo as demais vítimas de exploração sexual.

**Gráfico 5:** Crianças ou adolescentes vítimas de abuso e/ou exploração sexual que ingressaram no PAEFI/ CREAS em Pernambuco, por tipo.



**Fonte:** Secretaria Executiva de Assistência Social – SEASS/GEPMC. Período: 2016 a 2018.

Segundo os dados dos sistemas de notificação criminal, sabe-se que o agressor é um conhecido para crianças e um desconhecido para quase metade de adolescentes e jovens entre 15 e 19 anos. Isso só reforça a hipótese sobre a grande vulnerabilidade que estão expostos – nos sistemas a maior parte da notificação do local de ocorrência é dentro de casa, mas sabe-se da imensa subnotificação que encobre práticas de exploração, crimes contra dignidade sexual de crianças e adolescentes fora de casa.

## Contexto dos Municípios abrangidos pelo Projeto

Os municípios abrangidos pelo projeto **Conhecendo a Realidade Para Mudar Vidas**, “*Diagnóstico Rápido Participativo do Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nos municípios do Polo Gesseiro da Região do Araripe – PE*” fazem parte da Microrregião de Araripina, formada por dez municípios. Nesta região não podemos deixar de destacar a produção de gesso, que compreende os municípios de Araripina (maior cidade da região do Araripe), Ipubi, Trindade, Bodocó e Ouricuri.

Neste polo, é produzido 95% do gesso consumido em todo o Brasil. Apesar de não contar com dados sistematizados que evidenciem a influência dessa cadeia produtiva na problemática da exploração sexual, trataremos brevemente deste contexto, por meio das características ambientais, econômicas e sociais, para então entendermos possíveis influências em problemas sociais que afetam a vida de milhares de crianças na região, dentre eles o abuso e a exploração sexual.

Com o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) constata-se que os aspectos estruturais (socioeconômicos) e culturais, que contribuem

para configurar a face da violência sexual, são semelhantes em todos os municípios. Os dados primários reforçam o que as pesquisas e os levantamentos já dizem há muito tempo. No Nordeste, o Sertão é um rincão persistente nos problemas estruturais devido às estruturas ali fincadas do latifúndio, escravagismo, sistema unicamente exploratório das riquezas e da população, sem nenhum retorno aparente para a comunidade. Um modelo que permanece dessa forma até hoje.

## O Polo Gesseiro em Pernambuco

O Território da Cidadania Sertão do Araripe - Pernambuco está localizado na região Nordeste e é composto por 10 municípios: Araripina, Bodocó, Exu, Granito, Ipubi, Moreilândia, Ouricuri, Santa Cruz, Santa Filomena e Trindade.<sup>8</sup> Juntos, eles correspondem a 18% da área total do estado e é nessa região que fica o Arranjo Produtivo Local (APL) do gesso<sup>9</sup>, denominado de polo gesseiro do Araripe.

A Região de Desenvolvimento do Sertão do Araripe tem uma população de 331.762 mil habitantes e 21.255 trabalhadores empregados no mercado de trabalho formal. O Produto Interno Bruto (PIB) da Região é da ordem de R\$ 2,66 bilhões, cerca de 1,6% do PIB de Pernambuco, com uma composição de 4,7% para a Agropecuária, 10,13% para a Indústria e 79% para Serviços. As principais cadeias produtivas da região são a Bovinocultura, Ovinocaprino cultura, Apicultura, Mandiocultura e a Indústria Extrativa do Gesso.

Em 2018, as ocupações que mais empregaram foram de gesseiro e de servente de obras. Por sua vez, a atividade econômica que mais empregou foi a de comércio varejista de materiais de construção<sup>10</sup>.

Com reservas estimadas em 1,2 bilhão de toneladas (5º volume do mundo), a região é responsável por aproximadamente 95% da produção nacional de

8. Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Territorial, Ministério do Desenvolvimento Agrário. Governo Federal.

9. APL – Arranjo Produtivo Local.

10. <http://www.sdec.pe.gov.br/blog/24-mapa-do-site/163-sertao-do-araripe>. Secretaria do Desenvolvimento Econômico. PE. 2019.

gesso. Existem 40 minas de gipsita instaladas no local. Essa atividade produtiva também conta com cerca de 180 empresas calcinadoras, responsáveis pelo processo de transformação da gipsita em gesso. A extração e o processamento da gipsita são as atividades econômicas mais relevantes do Sertão do Ararape, responsáveis pelo movimento de mais de 70 milhões de reais.

Do outro lado desta economia está uma história de desenvolvimento concentrado, que beneficia uma minoria e já reduziu 80% da vegetação da Caatinga para ser queimada nos fornos das calcinadoras. Os processos de queima causam grandes perdas ambientais e econômicas. Anualmente, o polo gesseiro consome 652 mil metros cúbicos de madeira para queimar em fornos<sup>11</sup>.

Além disso, também existe o êxodo rural, a poluição atmosférica, a destruição de solos e comunidades de agricultores familiares, assim como uma parcela de contribuição na exploração sexual infantil.

Em toda a região, circula uma grande quantidade de caminhoneiros, negociantes, responsáveis pelo transporte do gesso, representantes comerciais, entre outros visitantes. Pessoas, normalmente de fora, que fazem girar a economia e provocam mudanças na vida desses municípios. Estas pessoas, na grande maioria homens, trazem mudanças positivas, mas, muitas vezes, colaboram no aprofundamento dos problemas – dentre eles a prática da exploração sexual de crianças e adolescentes.

Não há dados nem indicadores que meçam o impacto direto causado por este fluxo, tampouco o grau de diminuição dos problemas de acordo com a possível diminuição de caminhoneiros ou visitantes circulando na região. Apesar da realidade ter mudado e, segundo depoimentos, o fluxo diminuído, os casos de violência sexual continuam.

A partir das informações colhidas no trabalho de campo, foi possível constatar que a composição do pano de fundo que sustenta a exploração e o abuso sexual de crianças, há muitos anos, é uma mescla de pobreza estrutural, cultura patriarcal, violência de gênero e padrões culturais que ratificam privilégios para os homens, justificando, inclusive, a violência; falta de investimento em desenvolvimento sustentável com distribuição equitativa de lucro, escassez de serviços especializados e fragmentação no atendimento – *déficit* que fortalece a atuação de agressores e que não os responsabiliza pelos crimes cometidos; e, muitas vezes, revitimizam as principais vítimas, as crianças.

**11.** Relatório do Simpósio Polo Gesseiro do Ararape – Potencialidades, Problemas e Soluções. Organização: Academia Pernambucana de Ciência Agronômica (APCA), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Sindicato e Associação da Indústria do Gesso do Estado de Pernambuco (SINDUGESSO e ASSOGESSO), Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA), entre outros. 2014

**Municípios – contexto local, situação da violência sexual, dados secundários e resultados da pesquisa de campo**

Mostraremos a sistematização dos dados coletados em fontes oficiais - muitos não contam com atualizações disponíveis, portanto alguns dados têm como base o Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios (IDHM), que se baseia no Censo de 2010. Os indicadores são de população, educação, trabalho, renda e vulnerabilidade, com dados extraídos dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010; Dados de População Estimada do IBGE 2019, além de dados mais atuais da Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude do Estado de Pernambuco. Contamos também com informações sobre violência sexual da Secretaria de Defesa Social, Sistema Infopol de Pernambuco. Os dados levantados em campo apoiam e reificam o conjunto de elementos levantados na pesquisa e nos levam a uma melhor compreensão da lógica da violência sexual contra crianças e adolescentes nestas áreas geográficas, e como fatores sociais, econômicos e culturais se articulam de modo a

tornar crianças e adolescentes mais vulneráveis ao abuso e à exploração sexual.

É importante também considerar os relatos das famílias (mães principalmente) e, em especial, adolescentes de todos os municípios, que de maneira diferente estão pedindo socorro. O diagnóstico e principalmente a escuta, realizada com eles, apontam para a necessidade de uma articulação que vá além das equipes profissionais locais e envolvam soluções multissetoriais, de forma a dar conta do fenômeno da exploração sexual. Os dados levantados nos questionários aplicados com as equipes dos órgãos do Sistema de Garantia de Direitos (SGD) local mostram a falta de articulação entre eles. Se internamente não há diagnóstico local, fluxograma de atendimento, as ações continuarão fragmentadas e pouco se poderá fazer para encontrar caminhos estratégicos para minimizar ou solucionar o problema.

12. [http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/araripina\\_pe](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/araripina_pe)



## Araripina<sup>12</sup>

**Área:** 1853,35 km<sup>2</sup>

**IDHM 2010:** 0,602

**Faixa do IDHM:** Médio (IDHM entre 0,600 e 0,699)

**População** (Censo 2010): 77.302 hab.

**Pop. Estimada** (IBGE 2019) 84.418 pessoas

**Ano de instalação:** 1928

**Microrregião:** Araripina

**Mesorregião:** Sertão Pernambucano

*O topônimo Araripina deve-se provavelmente à proximidade com a grande Chapada do Araripe, a poucos quilômetros de distância. Quanto à origem da denominação Araripe, existem várias versões. Para alguns, pode ser decomposto em ara, ar (nascer, surgir) + y (água) + pe (posição equivalente a “em” ou “na”); significando, portanto, “no nascer dos rios”, o mesmo que “serra das nascentes ou das cabeceiras”. Outra versão: Araripe, em guarani, vem de ara (céu, horizonte) + ari (sobre, em cima) + pe (em, a, para), significando “sobre o mundo”, “chapada de montanha”, “lugar de onde se avista o horizonte”<sup>13</sup>.*

## Aspectos Gerais

### Atividades econômicas

Além de estar inserida na produção de gesso, por conta do polo gesseiro, Araripina possui um distrito industrial com indústrias de fiação de fios de algodão, de calçados e uma das maiores e mais modernas indústrias de fécula e amido. O município também vem se destacando na produção de mel, estando ocupando o décimo oitavo lugar no ranking nacional. Outro setor importante é o comércio, que conta com grandes empresas de renome nacional, além de outras lojas diversificadas que atraem milhares de pessoas de cidades vizinhas. Araripina tem influência em mais de 15 cidades de Pernambuco, Piauí e Ceará em um raio de 100 km, o que faz desse município um importante centro comercial na região.

### População

Em 2010, segundo o Censo, viviam **77.302** pessoas no município. A população estimada, em 2019, foi de **84.418** habitantes.

**Tabela 3:** População 2010 (total, por gênero, rural/urbana, raça/cor e faixa etária) e estimativa populacional (2019).

Araripina – PE					
População	População (2010)		% do Total (2010)		
Total	77.302		100,00		
Masculina	37.836		48,95		
Feminina	39.466		51,05		
Urbana	46.908		60,68		
Rural	30.394		39,32		
População quanto à raça / cor (CENSO, 2010)					
Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	
26%	8%	63%	2%	0%	
População quanto à Faixa Etária (CENSO, 2010)					
0 a 5 anos	06 a 14 anos	15 a 24 anos	25 a 39 anos	40 a 59 anos	60 ou mais anos
11%	20%	19%	22%	17%	9%
População segundo o sexo estimativa (IBGE/ PNAD Continua /2019)					
Masculino			Feminino		
49%			51%		

**Fonte:** IBGE (Censo, 2010 e Estimativa Populacional, 2019)

**13. Fonte:** FONSECA, Homero. Pernambuco: o que há nos nomes das nossas cidades. Recife: CEPE, 2009. GALVÃO, Sebastião de V. Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco. Recife: CEPE, 2006. v. 1. PERNAMBUCO. Tribunal de Justiça. História das Comarcas Pernambucanas. 2ª Ed. Recife, 2010. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/pernambuco/araripina.pdf>

**14.** IBGE (Censo, 2010 e Estimativa Populacional, 2019).

**15.** IBGE (Censo Escolar 2019) – Incluindo todos os anos do ensino fundamental (rede pública), no ensino regular, EJA e educação especial.

**16.** IBGE (Censo Escolar 2019) – Incluindo todos os anos do ensino médio (rede pública), no ensino regular, educação profissional, EJA e educação especial.

**17.** QEdu – [www.qedu.org.br](http://www.qedu.org.br) site especializado. O cálculo é feito com base nos resultados da Prova Brasil 2017, calculando a proporção de alunos com aprendizado adequado à sua etapa escolar.

**18.** Fonte: <https://www.qedu.org.br/cidade/3539-araripina/aprendizado>. Na Prova Brasil, o resultado do aluno é apresentado em pontos numa escala (Escala SAEB). Discussões promovidas pelo comitê científico do movimento Todos Pela Educação, composto por diversos especialistas em educação, indicaram qual a pontuação a partir da qual pode-se considerar que o aluno demonstrou o domínio da competência avaliada. Decidiu-se que, de acordo com o número de pontos obtidos na Prova Brasil, os alunos são distribuídos em 4 níveis em uma escala de proficiência: Insuficiente, Básico, Proficiente e Avançado. No QEdu, considera-se que alunos com aprendizado adequado são aqueles que estão nos níveis proficiente e avançado.

**19.** Anuário Brasileiro da Educação Básica. 2019. [https://www.todospelaeducacao.org.br/\\_uploads/\\_posts/302.pdf](https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/302.pdf)

## Educação

### Crianças e Jovens

**Tabela 4:** Indicadores educacionais

Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade [2010]	95,2%
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) [2017]	4,3
IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) [2017]	3,9
Matrículas no ensino fundamental [2019] <sup>15</sup>	12.746
Matrículas no ensino médio [2019] <sup>16</sup>	3.804
Docentes no ensino fundamental [2018]	638
Docentes no ensino médio [2018]	216
Número de estabelecimentos de ensino fundamental [2018]	98
Número de estabelecimentos de ensino médio [2018]	14

**Fonte:** IBGE. 2018. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/araripina/panorama>

Apesar da alta taxa de escolarização, segundo o QEdu<sup>17</sup>, a proporção de alunos que aprenderam o adequada competência de leitura e interpretação de textos até o 5º ano de ensino é de apenas 32%. Ou seja, de 1.268 alunos, 412 demonstraram o aprendizado adequado<sup>18</sup>. Quando se amplia a observação até o 9º ano na mesma rede pública de ensino, para esta mesma competência, o percentual é ainda mais baixo, atingindo apenas 21% de alunos (67 de 319) que demonstram o aprendizado adequado.

Percebe-se o problema da defasagem idade-série, e para os adolescentes e jovens pode-se observar o baixo acesso ao ensino superior. Em 2010, 77,34% da população de 6 a 17 anos do município estava cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série. Dos jovens adultos de 18 a 24 anos, 7,31% estavam cursando o ensino superior em 2010. Em 2017, a distorção idade-série para o ensino fundamental era de 22%, mais alta do que a taxa nacional que é de 17%.

No Brasil, as principais causas da distorção idade-série são a reprovação e o abandono escolar. Os municípios seguem esta tendência com especificidades locais. A vulnerabilidade social, pobreza, trabalho infantil e outros fatores podem contribuir diretamente.

Na região Nordeste, a taxa de distorção atinge, em média, 64,2% dos alunos do ensino fundamental e 69,5% dos alunos do ensino médio.<sup>19</sup>

### Renda, ocupação e vulnerabilidade social

Em 2017, o salário médio mensal em Araripina era de 1.8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 9.4%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 49% da população nessas condições.

**Tabela 5:** População e vulnerabilidade social – famílias em situação de pobreza no município

Porte populacional	População estimada (IBGE,2019)	Região de Desenvolvimento
Médio	84.418	RD 03 – Sertão do Araripe
Total de famílias cadastradas no CadÚnico para programas sociais (MDS/ Dezembro/ 2019)		Total de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família (MDS/ Novembro/ 2019)
22.418		15.594
Famílias em situação e extrema pobreza (MDS/ CadÚnico/ Dezembro/2019)		Pessoas em situação e extrema pobreza (MDS/ CadÚnico/ Dezembro/2019)
16.264		46.772

**Fonte:** IBGE. Secretaria de Assistência Social do Estado de Pernambuco.

Araripina parece dispor de uma cobertura relativa de serviços e, segundo os depoimentos, há investimentos para o combate à exploração sexual. Possui um CRAS e o serviço do CREAS ainda está se estruturando na cidade, e, quando ocorre mudança de gestão, geralmente ocorre a mudança da equipe que trabalha no serviço, o que dificulta a atuação. A equipe realiza palestras e capacitações para esclarecer para população o serviço prestado pelo órgão. Possui financiamento federal para ações de combate ao trabalho infantil, mas não possui para o serviço de abordagem social, necessário

para a identificação de situações de exploração de crianças na rua. Há problemas de estrutura para o atendimento de crianças e, pelos dados coletados no trabalho de pesquisa feito no município, parece haver desarticulação entre as instituições que prestam atendimento.

Apesar da desigualdade de renda ter diminuído, muitos índices de Araripina, uma das cidades mais “desenvolvidas” do polo gesseiro, influenciam diretamente na qualidade de vida da população. Ainda há um percentual alto de pessoas em situação de extrema pobreza em relação à população geral. Alto índice de pessoas de 15 a 24 anos na vulnerabilidade, assim como mulheres sem estudo chefes de família com filhos, e um alto percentual de crianças extremamente pobres.<sup>20</sup>

Pelos dados atuais da Secretaria de Assistência Social do Estado, CadÚnico 2019, aproximadamente 1/3 da população vive em situação de extrema pobreza.

Estas informações desenham um quadro preocupante de vulnerabilidade social. O município tem um enorme trânsito de visitantes, viajantes, comércio e baixa proteção social para sua população de crianças e adolescentes.

**20.** [http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/araripina\\_pe](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/araripina_pe)

## Araripina – Violência Sexual no município

Foram registrados um total de 20 casos de violência sexual no sistema INFOPOL da Secretaria de Defesa Social (SDS/PE) em 2018.<sup>21</sup>

Entre crianças de 4 a 11 anos, o crime foi praticado em casa, a maioria é de meninas, de cor parda e só há um registro para zona rural. Entre adolescentes de 12 a 17, apesar da notificação ser principalmente a partir da residência, há registro de “outro local”, ou seja, fora da residência. Por outros crimes contra dignidade sexual podemos entender desde assédio, exploração sexual, crimes de importunação sexual, etc.

O município parece seguir a tendência nacional, onde segundo os dados dos sistemas de notificação criminal, sabe-se que o agressor é um conhecido e a maior parte ocorre na residência, para crianças e um desconhecido para quase metade de adolescentes e jovens entre 15-19 anos.

Dos dados coletados em campo, foi considerado um total de casos a partir de registros dos órgãos locais de atendimento. Ressaltamos que são números encontrados na coleta em cada instituição consultada, e como há problema de comunicação entre os órgãos de atendimento, ou seja, não existe um fluxograma de atendimento a estes casos de violência, verificamos o que possivelmente estaria repetido. No caso de Araripina, os dados fornecidos

pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) são menores que os da SDS, mas, podem ser os mesmos casos. Procuramos colocar aqui os números vindos das instituições que realizam atendimentos direta ou indiretamente (como no caso de escolas ou organizações não governamentais que estão em contato direto com as crianças e adolescentes, não fazem o atendimento à violência, mas são espaços de identificação e encaminhamento). Também não contamos com dados do que foi investigado e virou processo. Como não há um sistema articulado e a comunicação estabelecida, utilizamos o critério de considerar os casos dos órgãos que mais receberam denúncias.

- » **Os registros de abuso sexual em Araripina, em 2018, foram de 34 casos**, segundo os dados da Secretaria de Desenvolvimento Social e CREAS, Secretaria de Educação e 2ª Vara. Foram registrados 10 casos de Exploração Sexual pela Secretaria de Desenvolvimento Social e de Educação<sup>22</sup>;
- » **A Polícia Civil local informou que não tem dados sistematizados;**
- » Os outros órgãos não informaram registros de violência sexual.

Segundo informações levantadas nas visitas e trabalhos de campo com a equipe do Cendhec, a delegacia não abre os procedimentos em caso de exploração sexual, principalmente se a vítima for uma adolescente. A justificativa que foi apresentada por entrevistados foi a de que existe uma ideia

**21, Fonte:** Relatório de vítimas contra a dignidade sexual de 0 a 17 anos – Secretaria de Defesa Social SDS/PE, Sistema INFOPOL - Base de dados criminais do estado de PE. 2018.

**22.** Esses números fazem parte do diagnóstico realizado pelo Cendhec com os órgãos do SGD pesquisados no município de Araripina.

deturpada de que as adolescentes se encontram nessa situação por escolha própria. Ainda segundo os depoimentos, a exploração sexual ocorre, na maioria das vezes, em residências, bares, feiras livres e locais que têm aparência de um domicílio, mas são bares. Também ocorre em locais que parecem realizar festas particulares, fato que dificulta o mapeamento dessas áreas. Outra forma de exploração sexual que comumente acontece são famílias que “permitem” que as adolescentes se relacionem com homens idosos, que “bancam” as adolescentes e, em alguns casos, também bancam a família.

O fato de não existir um fluxograma para a comunicação e articulação entre os órgãos locais dificulta muito a identificação, o encaminhamento e o atendimento dos casos. Também o pouco acesso aos processos formativos e diálogo intersetorial provocam a cristalização de um senso comum que, muitas vezes, tende à conservação de ideias deturpadas sobre gênero, violência sexual e sexualidade, principalmente das/os jovens.

## Dados resultantes da aplicação dos questionários nos órgãos e Instituições do Sistema de Garantia de Direitos do município

**Tabela 6:** Dados secundários – pesquisa de campo – Perfil dos Entrevistados

Perfil dos Entrevistados	
TIPO	CREAS, COMDICA, POLÍCIA CIVIL, Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS), SEC. DESENVOLVIMENTO SOCIAL, TRIBUNAL DE JUSTIÇA (VARA CÍVEL) ESCOLA E ONG
REPRESENTANTES	6 gestores e 2 técnicos
TIPO DE ATIVIDADE DESENVOLVIDA	Mais de 50% afirmam que as instituições fazem ações preventivas, palestras e campanhas, 1/3 dos órgãos tem atividades de esporte/lazer, arte/cultura e oficinas temáticas. Apenas um possui atividades de suporte à escola e educação.
ATENDIMENTO A CRIANÇAS E ADOLESCENTES	Todos os órgãos entrevistados fazem atendimento de crianças e adolescentes. Com exceção da Organização da Sociedade Civil (OSC) e dos Conselhos, todos disseram fazer atendimento às famílias. Outros públicos atendidos pelos órgãos são mulheres, idosos, deficientes e comunitários em geral.
ATENDIMENTO A VIOLENCIA SEXUAL	Com exceção da OSC, todos os órgãos entrevistados realizam atendimento às vítimas de abuso sexual; cinco atendem vítimas de exploração sexual e trabalho infantil e seis atendem pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas.

### **Sobre a Violência Sexual e suas características no município**

A maioria dos entrevistados indicou que abuso sexual é a principal situação de violência sexual registrada e a que ocorre com mais frequência. A exploração sexual também é mencionada, mas em menor grau. Metade dos entrevistados indicou pai, padrasto e vizinhos seguidos de tio, avôs e amigos/conhecidos como os maiores agressores de abuso sexual. Quanto à exploração sexual, os órgãos informaram casos cometidos por mãe, caminhoneiros, feirantes, desconhecidos e amigos/conhecidos. Ainda sobre a exploração, a maior parte dos órgãos entrevistados considera que aliciadores/as e proprietário/as de bares ou similares são os principais responsáveis pela exploração sexual.

Todos os entrevistados responderam que o principal local onde ocorre o abuso sexual é na casa da vítima. Foi também indicado, como local de abuso, a casa de parentes. Ainda foram mencionados bares ou similares, na rua e na casa de vizinhos. Os entrevistados apontaram que os bares são os principais locais onde ocorre a exploração sexual; dois, especificamente, foram indicados: “Casarão, o bar Distrito de Moraes e o Bar Recanto”. Postos de gasolina, casas de parente, rua/distrito e feira livre também aparecem nas respostas.

O principal motivo apontado para crianças e adolescentes estarem sujeitos à exploração sexual seria a situação econômica/sobrevivência. Também foi apontado o desejo de consumo de produtos como um dos motivos para a sujeição à exploração

sexual. Em Araripina, a maioria dos entrevistados consideraram a situação de vulnerabilidade social e a exploração do trabalho infantil como as principais problemáticas interligadas à exploração sexual. O uso de álcool e de outras drogas também aparecem como aspectos interligados à exploração sexual.

### **Formação**

Dos órgãos entrevistados, apenas alguns servidores da Justiça Estadual teve formação para a equipe em todos os anos perguntados. Os demais tiveram formação em 2017 e 2018, com destaque para a Secretaria de Desenvolvimento Social e a Escola que tiveram o maior número de capacitações. Nos últimos três anos, apenas o Conselho Municipal de Defesa e Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente (COMDICA) e a Polícia Civil indicaram não terem recebido formação continuada.

### **Atuação em Rede**

A maioria dos órgãos entrevistados afirma atuar em Rede. Todos os órgãos participam de reuniões e articulações entre setores do próprio órgão/instituição, com exceção da Polícia Civil. O CREAS e a Secretaria de Desenvolvimento Social participam de Redes e Fóruns. A Polícia Civil não desenvolve ações conjuntas sistemáticas.

» **Plano Municipal de Enfrentamento:** não há um conhecimento unificado sobre o Plano de Enfrentamento da Violência Sexual no município. Além disso, ele não foi atualizado (2017).

**Na devolutiva dos dados coletados na cidade,** os problemas mencionados pelos/as participantes foram:

- » Só teve um plano de enfrentamento da violência sexual em 2017; e não foi atualizado;
- » A intersetorialidade não acontece;
- » Descontinuidade das políticas públicas, devido à mudança de gestão;
- » Rotatividade dos profissionais na rede de atendimento;
- » A psicoterapia breve é encaminhada para a saúde, só que a saúde não dá conta da demanda. Por isso, o CREAS acaba fazendo psicoterapia, que não é sua atribuição, o que gera mais demanda de trabalho para a equipe que é pequena e, muitas vezes, não consegue dar conta nem da demanda concernente ao serviço;
- » O NASF só tem dois profissionais e, hoje, tem filas de espera;

### **Observação em Pontos de Exploração Sexual:**

Em Araripina, foram realizadas algumas visitas a alguns pontos onde possivelmente pode ocorrer exploração sexual. Na *Feira Livre do Alto da Boa Vista*, precisamente no Galpão de Alimentação/Lazer (espaço de comer e beber), foram identificados adolescentes trabalhando como “garçonetes”, consumindo bebidas alcoólicas e sendo oferecidas aos “clientes”. A equipe responsável pelo trabalho de campo analisou que, além da exploração sexual,

há outros problemas interligados, como trabalho infantil, consumo de bebidas alcoólicas por menores de idade, que acontecem nos arredores da feira.

É importante perceber que esses crimes ocorrem em estabelecimentos públicos, onde os/as proprietários/as pagam taxas, etc. São chamadas de Tarimbas ou Boxes. Neste galpão, foram registradas cerca de 30 tarimbas aproximadamente e destes, um terço, em média, tinham movimentos comprovados visualmente de exploração sexual de adolescentes. Não foi percebido, nas duas visitas ao local, nenhum tipo de fiscalização ou movimentação de agentes públicos realizando fiscalização. Os supostos exploradores sexuais são os próprios feirantes (alguns), frequentadores da feira do município e visitantes de outros municípios.

Nos postos de gasolina indicados, não foi constatada a exploração sexual nem a circulação de crianças e adolescentes no local. Identificou-se que, quando ocorre, é em pequenos estabelecimentos no entorno do Posto Shell, na BR 316, entre 18h e 22h. A partir desse horário, essa área fica sem movimento algum, apenas em um bar de adultos com situações de prostituição.

Em relação aos distritos, existem casos de exploração sexual denunciados no atendimento dos serviços, entretanto a equipe não conseguiu constatar nas visitas de campo. No dia em que a equipe se reuniu com o Conselho Tutelar de Araripina, naquele mesmo dia havia chegado um caso de exploração sexual com uma adolescente vítima proveniente do Distrito de Vila Serrana.

### Conclusões sobre os achados do trabalho de campo em Araripina

- » O abuso e a exploração sexual aparecem, segundo os entrevistados, como o principal problema que afeta a vida de crianças e adolescentes que moram em Araripina. Em todas as informações recolhidas no município, abuso e exploração sexual aparecem como a principal violência notificada pelos órgãos existentes, responsáveis pela proteção deste público;
- » É preciso verificar os números de casos fornecidos pelos órgãos que os receberam; é importante saber se foram atendidos por mais de uma instituição, se repetem e porque não há comunicação entre estas;
- » A maior parte do abuso que começa dentro de casa é cometido por pais, padrastos, tios, vizinhos, amigos, conhecidos. Segue para postos de gasolina, bares, feiras, em forma de exploração sexual, onde é cometido por desconhecidos e é reforçado por aliciadores, prontos para agir;
- » A luta pela sobrevivência arrasta para o comércio informal as famílias que estão em situação de pobreza. Como vimos o município têm mais da metade da sua população vivendo em extrema pobreza, o que já é, em si, um fator que colabora para que as pessoas caiam em relações de trabalho precarizadas e fiquem em situação de vulnerabilidade à exploração - e com elas seus filhos e filhas. A pesquisa no município aponta que uma das principais causas de envolvimento com a exploração sexual é a pobreza e vulnerabilidade social;
- » Drogas, sexo comercial e exploração sexual de crianças rondam locais de grande trânsito de visitantes (hotéis, motéis, bares, feiras). Como foi visto no trabalho de campo, Araripina tem locais como estes e é lá onde ocorrem os casos de exploração sexual;
- » Os dados levantados nos questionários aplicados com as equipes dos órgãos do Sistema de Garantia de Direitos (SGD) local mostram que a falta de articulação entre eles é um problema para um atendimento mais eficaz. Se não há diagnóstico da situação local e integração no atendimento, as ações continuarão fragmentadas e pouco se poderá fazer para encontrar caminhos estratégicos para minimizar ou solucionar o problema;
- » Há problemas na sistematização de dados da polícia local. É entender o porquê é importante;
- » É fundamental saber mais detalhadamente que ações/atividades ligadas à prevenção e o combate à violência sexual estão sendo desenvolvidas por cada órgão para que sejam fortalecidas.

**O que dizem crianças,  
adolescentes e famílias  
- resultado das escutas  
nos municípios**

## Considerações gerais sobre a escuta com crianças

No trabalho de campo, foram ouvidas 64 crianças com faixa etária entre 05 e 15 anos. Dessas, 40 são meninas e 24 são meninos. A escuta ocorreu em seis oficinas realizadas em territórios de quatro municípios.

O discurso, as ideias e as percepções das crianças só confirmam os altos índices de violência, incluindo a violência sexual na região do polo gesseiro. Esta problemática que, em um passado próximo, era mais frequente nas zonas urbanas, nas grandes cidades da região metropolitana, atualmente se agrava no sertão do estado, em cidades que ainda mantêm características interioranas.

Constata-se também que foram implantados serviços públicos que prestam atendimento às crianças e adolescentes vitimizados ou em situação de vulnerabilidade social. Mas os números indicados nas fontes consultadas que dão conta da cobertura de serviços de proteção social e as narrativas das crianças mostram que, esses serviços não têm sido suficientes para a prevenção da violência e garantia de direitos a toda população infanto-juvenil local.

A escuta realizada, com um número mesmo que reduzido - mas representativo - de crianças nos municípios, demonstra que elas carecem de espaços de fala e expressão e quando, esporadicamente, isso

acontece, as suas percepções não são contempladas. É fundamental para a definição de políticas e ações de prevenção e enfrentamento da violência contra crianças em geral, considerar a fala das crianças que são afetadas pela violência, em especial o abuso e exploração sexual. Elas podem contribuir e muito com as soluções para o problema e inclusive tornar-se agentes de prevenção em suas comunidades.

Para que isso seja possível, sabe-se que a própria formação dos profissionais que lidam com serviços oferecidos às crianças, suas famílias e comunidade precisa partir desse princípio. A formação dos profissionais das áreas de educação, serviço social, saúde, lazer, cultura, justiça e segurança pública precisa contemplar a necessidade e importância dessa escuta. Definitivamente, a participação das crianças precisa ser considerada e para tanto é preciso ter adultos preparados para lidar e trabalhar com elas.

Os serviços e os profissionais que atendem crianças precisam obter conhecimentos teóricos e metodológicos que os capacite a oferecer, além de atividades previstas, o espaço para a reflexão e informação que contribui para que essa população desenvolva capacidade de autoproteção.

Observando esforço de profissionais e gestores dos serviços públicos nos municípios pesquisados, constata-se que vários desses serviços são novos e necessitam de fortalecimento e legitimidade ante a atual situação do país, caracterizada pelo corte de recursos. Muitos contaram com verbas oriundas da União e do Estado. É preciso, inclusive, discutir a fundamental continuidade desses serviços.

## Desenvolvimento das atividades de escuta (metodologia, considerações sobre os encontros com as crianças)<sup>23</sup>

Foram realizadas oficinas que envolveram o discurso oral, a leitura, a escrita, a colagem, dramatização e o desenho. Também foi feito o registro das atividades em fotografias e gravações de áudios para transcrições.

### Atividades

- » Roda de diálogo;
- » Silhueta do corpo humano;
- » Tarjetas com títulos e conceitos;
- » Dramatização;
- » Texto coletivo;
- » Produção individual de texto e desenho;
- » Produção coletiva de cartazes.

Nas três oficinas, que foram realizadas em Araripina, participaram 27 crianças, sendo 15 meninas e 12 meninos com faixa etária entre 05 e 14 anos.

### Os temas abordados nas oficinas foram:

- » Abuso e exploração sexual;
- » Violência física;
- » Alcoolismo e drogas ilícitas;
- » Estupro.

### Anotações da equipe de campo:

Aparentemente, as crianças participantes dessa escuta estavam desfocadas do tema em discussão. Percebe-se que os seus relatos sobre trabalho podem apontar os riscos de abusos e exploração sexual. Ao observar o contexto onde vivem, entende-se que o trabalho, aproximando as crianças do cotidiano de adultos, as coloca em uma situação de vulnerabilidade, no local e/ou no deslocamento casa/trabalho, e esta realidade pode facilitar o contato com possíveis abusadores. O ingresso precoce em atividades remuneradas coloca as crianças em ambientes cotidianos de adultos e, na maioria das vezes, os adultos que as cercam não estão comprometidos em protegê-las da violência.

“... trabalho em bloquinho e planas. Blocos pequenos. Eu bato bloquinho. É na fábrica. Eu trabalho de 7 horas até umas 12 horas”.

Criança participante, 13 anos

A criança se refere ao trabalho em pequenas fábricas de blocos e placas de gesso destinadas a construção civil.

**23. Fonte:** Relatórios de campo produzidos pela equipe do Cendhec.

### Anotações da equipe de campo:

Na atividade “desenho com as silhuetas”, escutava-se os comentários e indagações das crianças. Não estavam seguras de que podiam desenhar os órgãos genitais. Algumas explicitaram a dúvida **“Pode desenhar as partes?”**. Outras desenharam e apagaram quando entenderam que as produções seriam socializadas no grupo. Esta atitude chama atenção, pois como uma criança que não se sente autorizada a tocar nesses assuntos, pediria ajuda se estiver sendo vítima de abuso? Fica claro que o silenciamento delas sobre temas relativos ao sexo e a sexualidade as deixa mais desprotegidas, vulneráveis à violência sexual seja intra ou extra familiar.

### Entendimento das crianças sobre Violência Sexual

Na roda de diálogo e atividade de leitura, escrita e desenho com tarjetas com títulos e conceitos relativos a abusos e exploração sexual, vários conceitos, formulados pelas crianças foram falados e expostos:

“Exibicionismo é uma pessoa que quer que a outra mostre o corpo, para ver o que não deve. E isso não pode porque é exhibir. É uma coisa que não deve ter no Brasil. Porque eles é que querem que a gente mostre o corpo. E não pode isso enfim.”. Criança participante, 12 anos.

*“Atentado violento ao PUDOR. É quando o homem quer fazer sexo com a mulher e ela não quer. e ela se sente envergonhada e às vezes o homem a estupra, bate e às vezes a mata, e às vezes acontece com adolescentes e crianças.”* criança participante, 10 anos

*“...Pornografia é coisa que não é necessário a criança ver, pornografia é feio e as mães têm que esconder para ninguém ver. Tem pornografia em capas de DVD, capas de livros e na TV. As crianças pensam que é desenho animado, mas são coisas horríveis, a mãe tem que esconder em um lugar que as crianças não possam ver. A pornografia também envolve crianças e adolescentes.”* criança participante, 11 anos

*“seduzir tipo, convencer uma pessoa para deixar que toque no seu corpo, mesmo que ela não queria pode se seduzir tirando fotos suas. Por que acha bonito e a mulher que é só uma brincadeira de amigos, cai na conversa e depois rola um sexo entre a mulher e o homem.”* criança participante, 11 anos.

*“tráfico para exploração sexual é uma coisa que não deixa uma pessoa se sentir à vontade é fazer sexo sem vontade ou então faz na violência, ou então obrigada a fazer o SEXO. Também pode haver estupro.”* criança, 11 anos.

### Sobre o conceito de estupro:

*“Quando uma pessoa quer fazer alguma coisa e o outro não quer fazer aquilo que a outra pessoa quer fazer”.*

*“Estupro já foi praticado uma vez com a minha prima, pois foi praticado por um homem que tomava café na casa dela, almoçava e até jantava, daí um dia ela saiu de casa para ir à padaria comprar pão, e quando ela voltava esse mesmo homem a chamou para conversar, mas, ao invés de conversar ele a puxou e trancou dentro de sua casa, ela gritou por socorro mais ninguém a escutou, depois de duas ou três horas desaparecida encontraram chorando desesperada. Com medo de tudo a sua volta. Mas também esse homem foi punido fortemente. Graças a deus está preso.” Criança, 11 anos*

#### **Anotações da equipe de campo:**

Em seus relatos, durante os diálogos estabelecidos entre crianças e educadoras, no processo da oficina, as crianças falam da necessidade de envolver as famílias na prevenção do abuso sexual dizendo o seguinte: *“Acho que a mãe poderia falar mais com as crianças, mas não com tanta clareza.”*

Ao mesmo tempo falam da necessidade de adequar a linguagem, possivelmente referindo-se a certo constrangimento sentido durante a conversa entre criança e adulto. Se o tema for tratado com o vocabulário que elas entendem como *“coisa feia”*, deve-se então tratar esse tipo de assunto de forma clara, igualmente aos outros temas, com o cuidado necessário.

Ainda sobre uma possível proteção das famílias em relação aos filhos e filhas, entendem que: *“... os pais, avó e avô”* devem atuar nesses cuidados. Além disso, falam que outras crianças e adolescentes podem ajudar as vítimas: *“... Acho que falando para ela entender o que está acontecendo.”*

#### **Devolutiva do diagnóstico para validação com as crianças**

Na devolutiva e validação dos dados para as crianças no município, a facilitação foi feita com atrizes-palhaças que realizaram jogos e provocaram as crianças a falarem do tema. Dentre o que as crianças expressaram, disseram que na cidade as coisas boas são:

- » “Lagos”;
- » “Piscina”;
- » “Árvores”;
- » “Cachorros”;
- » “Comer”;
- » “Reunião de famílias”;
- » “Festas juninas e teatrais”;
- » “Aula de balé”;
- » “Praças”;
- » “CRAS – ‘as coisas tudo’”;
- » “Igreja”;
- » “Comer”;
- » “Dormir”;
- » “Todo mundo é humilde, todo mundo é bom”;
- » “Pizzaria”;
- » “Comer fruta/verdura”.

**As coisas ruins são:**

- » “Criança andando de moto (pilotando)”;
- » “Todo buraco nas ruas, lixo no meio da rua, falta d’água e esgoto a céu aberto”;
- » “Pessoas desempregadas por não se darem bem com o gesso”;
- » “Gesso não é bom”;
- » “Pessoas ficam doentes por causa do gesso”.

## Considerações gerais sobre as escutas com adolescentes<sup>24</sup>

As escutas foram realizadas, entre 07 e 18 de janeiro de 2019, nos Serviços de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos e Secretarias de Educação dos municípios de Araripina, Bodocó, Trindade, Ouricuri e Ipubi. O número total de adolescentes participantes foi de 44, sendo 17 do sexo masculino e 27 do sexo feminino.

Durante as atividades de escuta dos adolescentes, foi possível inferir que de um modo geral eles/as demonstraram saber a que se referiam os conceitos de violência em suas diversas manifestações, incluindo violência sexual (abuso e exploração sexual), tema norteador do projeto. É importante dizer que a maioria estava ligada a algum tipo de projeto ou grupo vinculado às instituições ou órgãos governamentais que trabalham com a temática.

Em Araripina, as escutas apresentaram relatos que descreveram fielmente a realidade do município quanto à temática. No município, adolescentes do sexo feminino são exploradas sexualmente e muitas chegam a engravidar, precocemente, em virtude da violência. Foi nesse grupo que apareceu o tema da depressão e da prática de automutilação como decorrência da violência sexual. Cabe ressaltar que, no grupo, havia uma adolescente que afirmou, por escrito, ter tentado suicídio e que costumava se autoflagelar, sendo ela uma das adolescentes em situação de exploração sexual atendidas pelo serviço onde foi realizada a atividade.

As/os adolescentes valorizaram muito as atividades de conscientização/sensibilização do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). O grupo funcionou de uma maneira muito comedida ao longo da atividade, com muitas resistências para falar do tema e um desconforto perceptível, possivelmente em virtude do tema se apresentar tão materializado no grupo.

Destaque-se, ao longo das escutas com adolescentes, a frequência com que apareceram os termos e situações relatadas sobre tentativas de suicídio, automutilação, depressão em decorrência do abuso sexual, sequestro, estupro e gravidez na adolescência. Outro aspecto que merece atenção é a quantidade expressiva de adolescentes do sexo feminino nos grupos, sendo elas, inclusive, as que mais se colocaram ao longo das discussões. É importante ressaltar também as reiteradas menções ao famoso e antigo “carro preto”, que, na roupagem

**24. Fonte:** Relatório sobre as escutas de adolescentes e famílias. Equipe do Cendhec.

atual, parece ter sido reajustado para os casos em que sequestram crianças e adolescentes não mais para retirar seus órgãos, mas para violentá-las sexualmente.<sup>25</sup>

## Desenvolvimento das atividades de escuta (metodologia, considerações sobre os encontros e avaliação do/as adolescentes)

A metodologia foi fundamentada na proposição de atividades participativas e dialogadas, a fim de atender aos objetivos basilares da escuta. Cada encontro contou com um planejamento construído a partir de três etapas norteadoras: introdução (apresentação da facilitadora, da instituição e do projeto); convite às falas do/as adolescentes (atividades<sup>26</sup> de incentivo à expressão do/as adolescentes quanto à leitura e percepção de seus territórios, comunidades e municípios); e avaliação da atividade pelo/as adolescentes (roda de diálogo).

A participação, o engajamento e o interesse dos/das adolescentes nas atividades de escuta foram muito bons. Foi perceptível o desejo de falar, se colocar, de questionar e de terem representatividade. Não restaram dúvidas de que os/as adolescentes têm uma visão crítica da realidade em que estão inseridos e que reconhecem seus direitos, sobretudo, pontuando os que lhes têm sido negados e a repercussão disso em suas vidas e comunidades.

A robustez do material produzido pelo/as adolescentes é uma das maiores constatações disso. As falas e materiais escritos traduziram bem suas inquietações, reclamações, insatisfações, sonhos, desejos e alegrias. Mostraram também o reflexo do acesso precário a uma educação formal de qualidade, representado, sobretudo no material escrito, mas que em nada comprometeu o acesso ao que pensam e como refletem sobre a realidade.

Ao final dos encontros, a maioria quase que absoluta dos/das adolescentes avaliou muito bem a proposta das escutas e mencionou o quanto sentem falta de serem ouvidos pelos adultos. Muitos pediram para ter outros momentos como esse, bem como que se alargasse o tempo das facilitadoras e estadia pelos locais das escutas<sup>27</sup>.

## Violência sexual na perspectiva do/as adolescentes

Adolescentes participantes de projetos com o CRAS e o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCVF) foram provocado/as pelas facilitadoras para expressarem o que percebiam sobre a violência sexual em suas comunidades e no município e o que fazer para resolver a questão.

*“Ouvi dizer que é em Araripina algumas crianças sofrem danos físicos por meio da família alguns*

**25. Fonte:** Relatórios de campo sobre as escutas produzidos pela equipe do Cendhec.

**26.** As atividades utilizadas nas escutas podem ser encontradas no livro: SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. *Aprendendo a Ser e a Conviver*. Editora FTD, 1999.

**27. Fonte:** Relatórios de campo sobre as escutas produzidos pela equipe do Cendhec.

*adolescentes sofrem depressão por causa de abuso sexual que ocorreram na infância.*

*Aqui em Araripina correm casos que acontecem, mas que as crianças ou adolescentes não falam ou por medo ou vergonha, eles guardam isso só para si, alguns casos com a ajuda do CRAS conseguiram descobrir ir atrás dos agressores.*

*Com ajuda de palestras escolares atividades do CRAS nós adolescentes estamos mais conscientes e por dentro do que é normal e do que não é.*

*Crianças devem também participar de palestras parecidas muitas vezes acontecem com elas, mas elas não sabem que é errado.”*

*“Ouvi dizer que em feiras livres crianças são exploradas trabalham praticamente o dia todo para ganhar 10 ou R\$ 20 em lugares pequenos e até mesmo em lugares grandes o trabalho com criança e adolescente acontece muito.*

*O abuso sexual também é um caso muito violento com crianças e adolescentes que é invadido em sua sexualidade não só tentando invadir pelo ato sexual bem a violência. Também em Araripina existe o tráfico de droga, por exemplo, pessoas que estão mandando passar droga para mulheres que estão fora.”*

*“Eu ouvi dizer que aqui no distrito do Moraes tem um caso onde vive uma menina e sua família. Essa garota foi abusada sexualmente de forma muito brusca e violenta, foi pelo seu tio, um monstro irmão do seu pai, na época que isso aconteceu a menina tinha seis anos e foi até os 8. Só depois de 10 anos essa criança conseguiu contar para seus pais o que tinha acontecido, também buscou ajuda do CRAS, mas ela*

*não foi acolhida e muito menos entendida. Ela vive isolada e têm como suas melhores amigas, as lâminas, ela tem uma família enorme, mas ela se sente como estivesse sozinha no mundo, ela só está procurando urgentemente de ajuda, ela já esteve duas vezes à beira da morte, pra ela a morte é a solução, mas não é, na verdade ela não quer matar o corpo e sim a dor que convive com ela, ela não tem medo de se identificar, pois ela sou eu, deem um jeito pra acolhê-la ela não aguenta mais. Acho que ela tem direito a ser acolhida como qualquer outra pessoa.”*

*(Relato repassado e discutido com a coordenação do serviço em que foi realizada a escuta).*

*“Ouvir dizer e no distrito de Moraes aconteceu um estupro de uma criança de 10 anos. Ele foi estuprado pelo tio e um amigo do tio dele. Ele passou mal e a mãe dele levou ele para o hospital de Araripina. E ficou sabendo que a criança foi estuprada e perguntar se ela não queria fazer um B.O. Ela disse que não.*

*Outro caso aconteceu com uma parente minha. Sofreu abuso do padrasto dela e ficou sem ânimo, resolveu fugir de casa, foi pra delegacia, chegando lá ela denunciou ele, e foram pra audiência e a mãe dela negou tudo que tinha acontecido. falou que era mentira da menina que ela gostava de inventar. Ele pediu pra ela retirar a queixa contra ele, ele tentando comprar ela com roupa, sapatos, celular, dinheiro, chocolate etc. Só que ela não retirou a queixa. ”*

*“Ouvir falar que uma pessoa fica maltratando o próprio corpo seu não tem como se defender aí fica maltratando o seu corpo as palavras que a pessoa diz para você fica na mente aí a pessoa só pensa mais*

*na noite não quer ajuda de ninguém fica chorando querendo morrer diz que a vida tá um lixo não conta para família só para os amigos diz que a vida só queria que fosse assim só vem na mente só pensa de querer morrer não que confia em Deus nem fala direito com a família e etc.”*

*“Ultimamente não só em nossa comunidade e sim em tantas outras as crianças e adolescentes estão entrando cada vez mais cedo na vida sexual, onde ocorre delas perderem sua infância e ocuparem um papel que deveria ser ocupado mais adiante que é o casamento ou até ter filhos e não saber quem é o pai. Ouvi dizer que em Araripina uma pessoa que foi espancada, cortada e levada à morte devido à gravidade dos ferimentos por reagir a um estupro. Essa pessoa foi levada do lugar onde ela estava para um lugar onde mais tarde foi encontrada morta.”*

## Opiniões dos adolescentes sobre as soluções para a violência sexual

### Como resolver a questão da violência sexual contra crianças e adolescentes?

- » “Resolve com uma boa conversa e chegar a um ponto de como resolver a situação”
- » “Aconselhando essas pessoas que cometem esses crimes a não cometerem. Colocar mais seguranças nesses lugares que andam muita gente”
- » “Denunciando o agressor. Tendo um bom diálogo com as crianças e adolescentes para que eles não devam confiar em todo mundo”
- » “Implantar leis mais severas”
- » “Denunciar agressões, mas também tinha que ter uma lei que você denunciava e tinha jeito porque as leis de hoje é como se não tivesse nem uma lei mais né?”
- » “É necessário mais amor para com o próximo como manda o 3º mandamento da lei de deus, além disso, o respeito, a qual não é comprado e sim conquistado”.

# Escutas com Famílias

## Considerações gerais sobre as escutas com famílias<sup>28</sup>

As famílias apresentaram um bom conhecimento sobre violência em termos gerais, bem como os conceitos de violência sexual, fazendo a distinção entre abuso e exploração sexual dentro do seu repertório de conhecimento e experiência. As participantes (na grande maioria, os grupos foram compostos por mulheres), apontaram dois aspectos fundamentais na compreensão e possibilidades de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes: o primeiro deles é que a maioria dos agressores são familiares próximos das vítimas (pais, tios, avôs) e, segundo, que o fenômeno da violência sexual se sustenta muito na naturalização da violência e culpabilização das vítimas.

Chamaram atenção para os casos de violência sexual que acontecem virtualmente pelo acesso às redes sociais. Elencaram a situação financeira precária como um dos motivos da exploração sexual uma vez que, em muitas das ocasiões, contam com o incentivo, a conivência e a facilitação dos pais/responsáveis como forma de obter algo que supra, minimamente, as necessidades das famílias. Colocaram também que a falta de informação e o fato da criança ser mais vulnerável colaboram para a ocorrência da violência sexual contra o público citado.

Quando questionadas sobre como o problema da violência sexual contra crianças e adolescentes poderia ser solucionado ou minimizado, as famílias elencaram as seguintes sugestões: ter mais acesso à justiça; que pais e responsáveis deveriam ficar mais atentos aos filhos; identificaram o Conselho Tutelar como um equipamento importante para denúncia dos casos de violência; afirmaram a importância de conscientizar os adultos sobre o tema; apontaram a necessidade de creches (para ter pessoas de confiança com quem deixar os filhos); ter cuidado com as redes sociais; contar com oportunidades de emprego; orientar e informar as crianças e adolescentes, bem como impor mais limites.

## Desenvolvimento das atividades de escuta (metodologia, considerações sobre os encontros e avaliação das famílias)

Tal como as escutas com adolescentes, os encontros com as famílias foram construídos com o objetivo de fomentar a participação e o protagonismo das participantes. O planejamento das atividades tomou como norte um roteiro composto por apresentação, chuva de ideias sobre o tema, apresentação dos conceitos a partir da fala e da experiência das famílias e avaliação do encontro.

De um modo geral, as famílias avaliaram bem os encontros destacando a aquisição do aprendizado sobre o tema. Colocaram o desejo de que a equipe retornasse outras vezes para discutir mais sobre o tema e que a duração das oficinas fosse maior. Outro aspecto pontuado nas avaliações foi a importância

**28. Fonte:** Relatórios de campo sobre as escutas produzidos pela equipe do Cendhec.

dos encontros contarem com uma maior participação de famílias, visto que muitas não puderam comparecer por motivos diversos. Os profissionais dos espaços, em que foram realizadas as escutas, afirmaram que a adesão das famílias às atividades em grupo costuma ser um desafio.

### **Violência sexual na perspectiva das famílias**

#### **O que entendem (pensam, lembram, escutam) por violência sexual**

- » “Quando alguém abusa”
- » “Violentar a infância”
- » “Roupa curta”
- » “Estupro”
- » “Homem olhando para a gente”
- » “Demonstrar desejo”
- » “Constrangedor”
- » “Trocar uma moeda já é violência”

#### **Sobre abuso sexual e exploração sexual de crianças e adolescentes**

- » “Contra criança e adolescente e pode ser com toque ou sem toque”
- » “Compromete a infância”
- » “Nunca é culpa da criança e do adolescente”
- » “Estupro”
- » “Constranger”
- » “Trocar moeda” (para explicar a exploração sexual)

#### **Sobre que sabiam, entendiam ou ouviram falar sobre as possíveis causas da violência sexual contra crianças e adolescentes:**

- » “Questão financeira” (falta de emprego)
- » “Falta de informação”
- » “Pela criança ser mais vulnerável”
- » “Porque acham natural”
- » “Falta de diálogo”

#### **Sugestões para resolver a questão:**

- » “Creches” (para ter pessoas de confiança para deixar os filhos)
- » “Conversar e orientar”
- » “Cuidado com as redes sociais” (internet)
- » “Mais emprego” (porque resolveria a questão da pobreza)
- » “Impor limite” (aos filhos dando o exemplo das adolescentes que ficam na praça bebendo até tarde da noite).

# Conclusões

Em todas as informações recolhidas nos municípios, o abuso sexual aparece como a principal violência notificada pelos órgãos existentes, responsáveis pela proteção deste público. A exploração sexual aparece citada em todas as falas, mas está claramente subnotificada.

Nesta região, índices relacionados à exploração sexual comercial e exploração laboral de crianças sempre foram altos. Apesar da subnotificação, diversas referências de pesquisas mostram, e por meio dos resultados de trabalho de campo, que crianças e adolescentes são inseridos em um ciclo quase que permanente de reprodução da violência. Diversos fatores contribuem para que esta situação se perpetue.

Há uma percepção, compartilhada por gestores, técnicos e diferentes profissionais do SGD da existência de violência sexual contra crianças e adolescentes nos municípios e a obrigação de enfrentá-la. Sabe-se, inclusive, onde a violência acontece, quem são os principais autores e os encaminhamentos que são feitos para o atendimento do que chega ao sistema. Há ações em curso, mas funcionando de maneira não articulada.

As pessoas, em geral, parecem ter a percepção de que o caminho para enfrentar a violência sexual passaria por geração de emprego e renda para

jovens e famílias, acesso aos equipamentos sociais de educação, saúde e proteção. Uma articulação da sociedade civil, em um trabalho consistente de advocacy, por maiores recursos para políticas sociais básicas seria parte do caminho andado em busca de solução. Além disso, o apoio do governo em ações estratégicas de combate e responsabilização também seria outra parte das soluções, mas há fragilidades dos dois lados e falta articulação estratégica, inclusive intermunicipal.

As indústrias e o setor de serviços poderiam colaborar mais efetivamente para o verdadeiro desenvolvimento local - parece haver pouco ou quase nenhum investimento para as atividades que possam gerar renda e trazer perspectiva, principalmente para jovens e mulheres de forma que, numa atuação integral, se consiga mudar os baixos índices de desenvolvimento humano que marcam a região do Araripe. Por mais que exista desarticulação no contexto local, o fato de existirem instituições que compõem o SGD local, tais como o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), CREAS, CRAS e outras ligadas ao sistema de justiça (promotoria, vara, etc.), além de conselhos tutelares, denota um grau de institucionalidade que ajuda no combate à problemática e só precisa de reordenamento.

O que parece comprometer a qualidade do enfrentamento da violência é a ausência de discussão crítica, informada com base em dados concretos sobre a questão. Há baixo investimento em capacitação na área de enfrentamento a crimes desta

ordem, falta de pesquisas e diagnósticos locais, e uma agenda articulada de discussão e formação do SGD. A maioria dos entrevistados parece se utilizar do senso comum para discutir sobre este tema, trazendo para o discurso posicionamentos morais e pessoais. Não existe uma política municipal de capacitação permanente dos profissionais para melhorar o atendimento ou até mesmo o diagnóstico, quando crianças e adolescentes sofrem abuso e/ou exploração sexual, sendo este o principal problema a ser enfrentado para que alcancem melhores resultados nos programas realizados.

Os processos de formação, quando existentes, precisam ser fortalecidos e pensados estrategicamente. O que vimos foi uma série de iniciativas que, em determinados momentos, chegam para os profissionais da rede de atendimento, mas, em outros, são interrompidas. Um ciclo de formação, baseado em temas de interesse para o crescimento profissional e no que necessita ser entendido da realidade local precisa ser desenhado pensando em todos os municípios. O vínculo com o global precisa ser feito com o conteúdo local para entender a violência como fenômeno internacional e também como um problema de saúde pública. É necessário para visibilizar o que está acontecendo nesta região. Além disso, é fundamental incorporar, na formação dos agentes locais e ações de enfrentamento, outras formas de violação de direitos que comumente não são percebidas enquanto tal, como a LGBTfobia, o feminicídio e o preconceito contra meninas em situação de Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes (ESCCA), por exemplo.

A criação de protocolos e fluxos que facilitem e reforcem o sistema de referência podem apoiar a eficácia e a efetividade dos serviços; a divisão de responsabilidades e atribuições de papéis, de modo a não haver superposição e/ou desvios de funções também é um esforço de planejamento que vale a pena. É urgente a criação de um sistema de vigilância e notificação, compartilhado, informatizado e de fácil acesso aos envolvidos no atendimento à violência.

É fundamental o fortalecimento dos CMDCA e dos Conselhos Tutelares locais. Muitos órgãos entrevistados nos municípios sequer sabem se existe ou não um Plano de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, e, quando sabem, o plano sequer está sendo monitorado ou mesmo cumprido.

Por fim, é imprescindível que o desenho de ações para futuros projetos de enfrentamento à violência sexual contemple aspectos específicos dos municípios – em alguns, diagnóstico, mapeamento, linha de base; em outros, maior investimento em formação básica; em outros ainda, aprofundamento de questões em que já existe a formação; em outros, trabalhos de advocacy junto com movimentos sociais locais. Tudo isso pode vir de um segundo passo, que é aprofundar a investigação do que está sendo feito ou no que precisa ser criado por cada município, tanto pelo governo como pelas iniciativas da sociedade civil.

# Recomendações para Araripina

## **Diagnóstico**

- » É urgente realizar um mapeamento aprofundado a partir da realidade do município, com os dados já existentes, identificando casos, áreas geográficas que oferecem mais riscos e perfil dos agressores, a fim de alimentar o planejamento de ações estratégicas, inclusive com a construção de linha de base e os indicadores para o monitoramento.

## **Plano Municipal, ações estratégicas de combate à violência**

- » O Plano Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes deve ser o grande pilar de planejamento de ações estratégicas, no qual governo e sociedade civil caminham juntos, investindo em serviços, atividades, campanhas, ações de repressão, educação e sensibilização;
- » O Plano de Araripina não está atualizado e há muita divergência de informação sobre ele. Isso, por si só, já é um indicador que não é conhecido nem usado. O plano deve existir ou ser fortalecido e avaliado, sistematicamente, e ser monitorado por um grupo multissetorial, de preferência a partir de um conselho municipal instituído.

### Reordenamento institucional

- » Por mais que tenha desarticulação no contexto local, o fato de existirem instituições que compõem o SGD local, tais como, CMDCA, CREAS, CRAS, e algumas outras ligadas ao Sistema de Justiça (Promotoria, Vara, entre outros), além de Conselhos Tutelares, denota um grau de institucionalidade que ajuda muito no combate à problemática;
- » Mas é necessário um reordenamento das instituições no sentido de uma compreensão do seu papel no sistema de garantias, adequação a um planejamento estratégico para otimizar os recursos humanos e materiais e investir em formação continuada voltada para a problemática local.

### Formação

- » Nos últimos três anos, apenas COMDICA e a Polícia Civil indicaram não terem recebido formação continuada. Dos órgãos entrevistados, apenas a 2ª vara da Justiça Estadual no Município teve formação para a equipe em todos os anos perguntados. Os demais tiveram formação, em 2017 e 2018, com destaque para a Secretaria de Desenvolvimento Social e a Escola, que tiveram o maior número de formações. Os processos de formação, quando existentes, não são sistemáticos e são setoriais. O que o diagnóstico mostra é uma série de iniciativas que chegam para os profissionais da rede de atendimento, mas são interrompidas e áreas fundamentais tais como defesa e responsabilização não se reciclam.

- » Um ciclo de formação precisa ser desenhado, baseado em temas de interesse para o crescimento profissional individual e coletivo, no que necessita ser entendido da realidade local com vínculo global – a fim de entender a violência como fenômeno internacional e problema de saúde pública. Temas específicos direcionados para a prevenção, atenção e responsabilização precisam ser, sistematicamente, aprofundados com os profissionais ligados ao SGD.

### Advocacy

- » Uma articulação da sociedade civil, em um trabalho consistente de advocacy (influenciamento político), por maiores recursos para políticas sociais básicas é parte do caminho andado em busca de solução. Mesmo com uma sociedade civil organizada, resumida a poucas organizações sociais, é preciso incentivar ações que sejam impulsionadas a partir delas e que acabem por envolver a comunidade local. Além disso, os conselhos locais podem ser provocados também;
- » As empresas também precisam ser provocadas para dar apoio e investir em reparar os danos causados ao meio ambiente e à população local;
- » Instâncias internacionais de Direitos Humanos, a Organização das Nações Unidas (ONU) e Observatórios Internacionais precisam ser acionados para que o advocacy se reforce e o polo gesseiro torne-se um caso de violação de direitos humanos de crianças, adolescentes e suas famílias.

### **Fortalecimento e apoio às crianças e aos adolescentes**

- » É imprescindível que mais serviços de apoio direto sejam criados e fortalecidos – a Rede de Proteção só funciona se atender, com eficiência, ao seu principal público: crianças e adolescentes. É fundamental que existam projetos de incentivo à participação deles na busca de soluções e que consigam se fortalecer para fazer denúncias;
- » É muito importante que sejam desenhadas ações “amigáveis”. Os jovens precisam compreender, em linguagem acessível, o problema e o que pode ser feito para minimizá-lo. Eles também podem ser agentes para trabalhar com outros jovens e precisam de incentivo, materiais disponíveis e adultos com capacidade para trabalhar com os mesmos;
- » É fundamental o aprofundamento nos temas ligados aos direitos de crianças e adolescentes, principalmente os que dizem respeito à sexualidade, diversidade sexual, novas formas de violência, tecnologia e participação. Os profissionais precisam se atualizar, se reciclar e se capacitar para trabalhar com metodologias participativas e que valorizem a expressão e interesse de crianças e adolescentes;
- » Os jovens deixam claro que é preciso se informar e incorporar “novas” concepções e modalidades da violência que os afeta (como por exemplo, a automutilação, o suicídio), entendidas também como desdobramentos da violência sexual.

### **Trabalho com famílias**

- » É muito importante enfrentar o problema da naturalização da exploração e abuso sexual que vem da cultura local e da falta de conhecimento sobre os marcos normativos sobre crianças e adolescentes. Mais iniciativas que envolvam a população, tais como visibilidade para a realidade da violência no município, campanhas e ações envolvendo as famílias (inclusive de bom trato e atenção às crianças) devem ser empreendidas.

### **Recomendações a partir da devolutiva no município:**

Para a complementação dos dados foi estabelecido que o município faria um mapeamento das áreas de exploração sexual e dois representantes do CMAS e Secretaria de Desenvolvimento Social se comprometeram a apoiar.

# Referências bibliográficas

BRASIL, Ministério da Mulher, da família e dos Direitos Humanos. **Crianças e Adolescentes: Balanço do disque 100 aponta mais de 76 mil vítimas.** Brasília: MMFDH, 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/todas-as-noticias/2019/junho/criancas-e-adolescentes-balanco-do-disque-100-aponta-mais-de-76-mil-vitimas>> Acesso em: 18 de mar. de 2020.

CHILDHOOD; BRASIL, Polícia Rodoviária Federal. **MAPEAR 2017/2018:** Mapeamento dos Pontos Vulneráveis à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Federais Brasileiras. São Paulo: CHILDHOOD; Brasília: PRF, 2018. Disponível em: <<https://www.prf.gov.br/agencia/wp-content/uploads/2018/05/Mapear-Cartilha.pdf>> Acesso em: 20 de mar. de 2020.

FONSECA, Homero. **Pernambucânia:** o que há nos nomes das nossas cidades. Recife: CEPE, 2009.

GALVÃO, Sebastião de V. **Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco.** Recife: CEPE, 2006. v. 1  
PERNAMBUCO. Tribunal de Justiça. História das Comarcas Pernambucanas. 2ª Ed. Recife, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.** Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: < [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101709\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101709_informativo.pdf) > Acesso em: 02 de abr. de 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua:** Notas Técnicas. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: < [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101708\\_notas\\_tecnicas.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101708_notas_tecnicas.pdf) > Acesso em: 02 de abr. de 2020.

IDEARIO CONSULTORIA; THE LUCY FAITHFULL FOUNDATION. **Violência Sexual contra Crianças e adolescentes em Recife e Pernambuco:** Relatório 2020. Recife: Ideario Consultoria. <<https://ecsa.lucyfaithfull.org/sites/default/files/VSCCA%20Recife%20e%20Pernambuco%20Relatorio%20Final.pdf>> Acesso em: 20 de mai. de 2020.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar 2019.** Rio de Janeiro: INEP, 2019. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>> Acesso em: ???

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2018.** Rio de Janeiro: Ipea; IBGE, 2018. 97p. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)> Acesso em: 20 de mai. de 2020

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). **SINAN – Sistema de Notificações de Agravos e Notificação.** Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinanet/cnv/violebr.def>. Acesso em: 02 abr. 2020.

OPAS – Organização Panamericana de Saúde. **Folha Informativa: Violência contra as mulheres.** Brasília: OPAS Brasil, 2017. <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820)> Acesso em: 02 de abr. de 2020

PERNAMBUCO, Secretaria de Desenvolvimento **Econômico. Economia Regional: Sertão do Araripe.** Recife: SDEC, 2019. < <http://www.sdec.pe.gov.br/blog/24-mapa-do-site/163-sertao-do-araripe>.> Acesso em: 02 de mai. de 2020.

PNUD BRASIL. **Atlas do Desenvolvimento Humano:** Araripina. Brasília: PNUD Brasil, 2019. Disponível em: < [http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/araripina\\_pe](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/araripina_pe).> Acesso em: 02 mai. 2020.

SECRETARIA DE DEFESA SOCIAL (Pernambuco). **Relatório de vítimas contra a dignidade sexual de 0 a 17 anos.** Recife: SDS, 2018. Sistema INFOPOL. Base de dados criminais do estado de PE. Disponível em: <http://www.pe.gov.br/secretarias/secretaria-de-defesa-social/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

SIMPÓSIO POLO GESSEIRO DO ARARIPE - POTENCIALIDADES, PROBLEMAS E SOLUÇÕES., 2014, Recife. **Relatório [...].** Recife: APCA; SINDUGESSO; SBPC-PE; IPA; ITEP, 2014. 22 p. Disponível em: <<http://www.ipa.br/novo/arquivos/paginas/1-Relat%C3%B3rio%20apresenta%C3%A7%C3%B5es.pdf>> Acesso em: 02 ago. 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anuário Brasileiro de Educação Básica 2019.** São Paulo: Editora Moderna, 2019. 180 p. v. 8. Disponível em: < [https://www.todospelaeducacao.org.br/\\_uploads/\\_posts/302.pdf](https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/302.pdf) > Acesso em: 02 ago. 2020.



Realização



Apoio



Parceria

